

## FICHA TÉCNICA

[facebook.com/manuscritoeditora](https://facebook.com/manuscritoeditora)

© 2019

Direitos reservados para Letras & Diálogos

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Autora: *Diana de Cadaval*

Copyright © Diana de Cadaval, 2019

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2019

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Pesquisa histórica: *Joana Pinheiro de Almeida*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN 978-989-8871-81-7

Depósito legal n.º 453 176/19

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, abril, 2019

# Índice

Introdução .....	11
1. Cleópatra e Marco António. Amor tumultuoso .....	15
2. Joana, <i>a Louca</i> , e Filipe, <i>o Belo</i> . Amor insensato .....	35
3. Ana Bolena e Henrique VIII de Inglaterra. Amor trágico ....	55
4. Margarida de Valois e Henrique IV de França. Amor sangrento	69
5. Catarina de Bragança e Carlos II de Inglaterra. Amor não correspondido .....	91
6. Maria Francisca de Saboia e Nuno Álvares Pereira de Melo, 1.º duque de Cadaval. Amor cúmplice .....	111
7. Carlota Joaquina e D. João VI de Portugal. Amor tempes- tuoso .....	129
8. Alice (Alexandra) de Hesse e Nicolau II da Rússia. Amor verdadeiro .....	147
9. Wallis Simpson e Eduardo VIII de Inglaterra. Amor além do poder .....	169
10. Grace Kelly e Rainier III do Mónaco. Amor idílico .....	189
Agradecimentos .....	204
Bibliografia .....	205

1.

Cleópatra e Marco António  
Amor tumultuoso



Cleópatra e Marco António fazem certamente parte da lista dos casais mais famosos do mundo. Confesso que desde pequena que esta personagem me fascina, muito por culpa da maravilhosa atriz Elisabeth Taylor e de um filme em que a beleza, a persistência, o orgulho e a abnegação da rainha do Egito se destacam. E o amor, claro! O amor que usou com toda a mestria, a seu favor, na política e aquele que, genuíno e verdadeiro, terá sentido por Marco António, o corajoso romano sempre eclipsado pela aura de Cleópatra.

Quanto mais descobri sobre esta grega — não egípcia! — que tomou nas suas mãos as rédeas do poder de todo um império, mais cresceu a minha admiração, sobretudo pela época em que tudo isto aconteceu, no século I antes de Cristo.

A sua vida teve dois ingredientes principais: amor e traição. Entregou-se ao Egito de alma e coração, fazendo tantas vezes do seu corpo e da sua beleza as suas melhores armas.

A relação com Marco António foi tão intensa e tumultuosa como a mais feroz tempestade do deserto, que ambos tanto amavam!

É esta relação, feita de sentimento, desejo mas, acima de tudo, de mestria política até na morte, que agora vos conto.



## **Cleópatra: princesa, rainha e exilada**

Numa altura, como os dias de hoje, em que tanto falamos do poder feminino, vamos conhecer uma mulher que, nascida em Alexandria, provavelmente no ano de 69 a. C., veria — pelas suas ações únicas e habilidade política — o seu nome marcado a ferro e fogo na história da humanidade.

«Ilustre na sua linhagem» é o significado do seu nome, comum às mulheres nobres gregas. Cleópatra nasceu no seio da família reinante do Egito: os Ptolemeus. De origem grega, esta dinastia manteve-se durante nove gerações à frente deste rico reino. Era filha de Ptolemeu XII, pai de vasta prole registada em fontes antigas: além de Cleópatra, teria outras duas filhas e dois filhos; nenhum dos seus cinco filhos morreu de causas naturais, todos viram a vida ceifada pela foice da política, do ciúme e da conspiração.

Cleópatra foi educada de acordo com a esmerada educação que, em Alexandria, todos os membros da família real recebiam, fossem varões ou mulheres. A acreditarmos em Plutarco, a princesa falava nove idiomas, todos os dos povos que faziam fronteira e negócios com o Egito, como o árabe, sendo o grego e o egípcio as suas línguas principais.

Contudo, o poder e a importância do reino do Egito estava ameaçado pelo poderio de Roma, que se afirmava cada vez mais forte e ameaçador. O seu pai, Ptolemeu XII, sabia-o bem. A rede de informadores era segura, os inúmeros comerciantes que aportavam em Alexandria não falavam de outra coisa que não as vastas conquistas militares do grande Júlio César. Para se manter rei, Ptolemeu sabia que tinha de se aliar a este império. Com esse objetivo, deslocava-se a Roma, tentando angariar o máximo de apoios, mas, quando regressa a Alexandria, Ptolemeu XII vê o seu trono ocupado por Berenice, a sua filha mais velha! Traição! Pede então apoio ao seu novo aliado e este responde positivamente, terá à sua disposição um exército, em que se destacará um homem: Marco António. Ptolemeu XII é reconduzido ao poder e manda executar a sua própria filha traidora.

Se fazemos este «desvio» pela história, é para perceber o porquê das ações de Cleópatra... Esta mulher cresceu neste ambiente onde se respirava política e poder, cresceu a ouvir falar de Roma, de como seria importante conseguir o seu apoio para não perder a independência, das vitórias de um comandante excepcional de quem todos falavam com admiração, respeito e medo....

Acredito que Cleópatra sonhava com Júlio César. Se questionava, que tipo de homem poderia ser assim tão poderoso? Impossível não sentir, no mínimo, curiosidade!

Cleópatra teria cerca de dezoito anos quando o pai morreu, deixando o governo do reino entregue aos seus filhos mais velhos. Cleópatra e Ptolemeu XIII deveriam reinar sobre o Egito, unidos e casados como mandava a tradição. Na verdade, este uso de casamentos entre irmãos servia apenas os propósitos da estabilidade do reino... Mas neste caso, provavelmente pela pouca idade do noivo, que não teria ainda dez anos, a cerimónia não se concretizou.

Cleópatra desde cedo que deixa claras as suas intenções e o seu desejo de poder. Declarava-se «deusa que ama o pai», validando a sua ligação de sangue ao poder. Fazia já notar a sua ambição, mas não tinha ainda meios para a conseguir satisfazer. Não constava dos anais nenhuma rainha ptolemaica que governasse sozinha! A corte estava dividida e em 50 a. C. Cleópatra foi forçada a reconhecer o irmão como cogovernante. Um passo atrás para de seguida dar dois passos, de mestria, à frente.

Esta cogovernança foi, como se costuma dizer, sol de pouca dura; nem dois anos depois, a rainha abandonava Alexandria para reunir um exército, sendo acompanhada pela irmã, Arsínoe. Sem apoios, viram-se as duas princesas forçadas ao exílio, refugiando-se na Síria. Mais uma vez, não baixou os braços e recolheu os apoios necessários para começar a constituir um exército forte. Situação acompanhada pelos homens de Ptolemeu XIII, que se preparavam para as esperar quando ousassem regressar ao Egito. Mas os destinos de Roma iriam entrelaçar-se nos seus e, em breve, Cleópatra e Arsínoe voltariam a Alexandria, para usarem outras armas bem mais poderosas, que não as de metal.

## **Júlio César, o seu primeiro amor**

Neste ano de 48 a. C., em que Cleópatra está exilada na Síria, Roma está a braços com uma destruidora guerra civil. À medida que o império cresce surgem as divisões, tensões e lutas entre aristocratas romanos. Júlio César e o seu inimigo Pompeu defrontam-se com poderosos exércitos, e à beira da derrota este foge para o Egito, acossado por Júlio César.

Ptolemeu XIII vê-se perante duas frentes de combate: as irmãs, que, mais dia menos dia, voltarão a Alexandria com o objetivo de o tirar do poder, e os exércitos romanos, que vêm digladiar-se para a sua porta. Naturalmente, o rei do Egito opta por apoiar o lado vencedor e, como prova de lealdade a Júlio César, Pompeu é assassinado e decapitado, sendo a sua cabeça entregue ao comandante vencedor que desembarcava em Alexandria.

Este peculiar presente não encantou César. O descontentamento pelo assassinato de um romano em território egípcio estendeu-se aos homens e o exército que acantonou em Alexandria tomava a atitude de ocupante. Júlio César decidiu ficar na capital egípcia, exigindo pagamentos atrasados do empréstimo concedido a Ptolemeu XII e a alimentação do exército, enquanto se autoneomeava juiz da contenda entre os irmãos egípcios.

Não nos esqueçamos da nossa Cleópatra. Esta assistia a tudo, atenta, e quando chegou o seu momento decidiu apresentar-se ao cônsul romano para poder defender pessoalmente a sua causa. Havia no entanto um entrave a este seu plano: a única forma que a rainha tinha de entrar em Alexandria, em segurança, era secretamente.

Conta-nos então Plutarco que a rainha foi levada até ao palácio onde estava Júlio César por um cortesão de confiança dentro de um saco de roupa suja. Ao desfazer o nó no topo do saco, Júlio César terá visto de pé uma verdadeira rainha. E o seu coração ficou conquistado.

Adoro imaginar esta cena. Imaginar Cleópatra, uma mulher lindíssima com um nariz proeminente e um pouco curvo, descrita

como rechonchuda — o que era sinónimo de voluptuosidade. Uma senhora confiante, charmosa, educada, a surgir absolutamente avassaladora de dentro de um saco de roupa suja.

Ninguém lhe ficava indiferente. E Júlio César não fugiu à regra.

Júlio César contava cinquenta e dois anos, a maioria dos quais passados em guerra. Era um homem experiente, em todos os sentidos, um político influente com projetos audaciosos de poder. Cleópatra tinha vinte e uma primaveras e muita ambição. Sabia que para ser rainha teria de contar com o apoio do poderoso general. É muito provável que fosse virgem quando, nessa mesma noite, entregou ao cônsul romano o seu corpo e o seu destino. Terá também entregado o seu coração?

A paixão parece certa, mas, mais do que o amor, unia-os a ambição pelo poder, esse desejo de ambos serem mais. Corpos e almas complementavam-se de forma plena, como sublinham as fontes de então.

A presença de Cleópatra no palácio e na cama de César foi rastilho para mais um confronto. Ptolemeu XIII sai furioso à rua, juntando a população e acusando-os de traição, partindo o diadema real. De imediato, César discursa perante uma agitada multidão, dizendo que cumprirá o testamento de Ptolemeu XII. Mas nenhum dos irmãos acredita...

Ptolemeu XIII conta com o apoio da irmã Arsínoe, que abandona o lado de Cleópatra acusando-a de se ter subjugado a Roma.

Erguem-se de novo as armas, reúnem-se os exércitos e defrontam-se as hostes: os egípcios são derrotado pelos romanos e Ptolemeu XIII morre afogado no Nilo ao tentar fugir. Nesta feroz batalha morrem também os principais conselheiros do rei e a princesa Arsínoe é feita prisioneira e levada para o Templo de Ártemis, onde ficará até à sua morte, encomendada anos depois pela sua própria irmã.

É chegado o seu momento. Cleópatra assume-se como faraó do Egito. Plena e absoluta. Mas para manter o seu poder terá de casar com o irmão mais novo, Ptolemeu XIV. A cerimónia de casamento decorre de acordo com a tradição, mas a lua de mel foi passada com Júlio César, passeando ao longo do rio Nilo durante longos meses.

Júlio César parecia não querer deixar os encantos das terras do Egito... Mas o tempo que aí passou deleitando-se com as maravilhas do Nilo foi o suficiente para os apoiantes de Pompeu reunirem de novo forças e apoios, começando uma nova guerra civil.

Em breve César ver-se-ia obrigado a partir para uma nova batalha na Ásia Menor, deixando o seu fruto no ventre da rainha. No final de 47 a. C. nascia Ptolemeu Cesarião. Levava o nome do pai oficial e o do pai biológico. Era filho ilegítimo, a mãe, ainda que rainha, não era cidadã romana, mas César permitiu o uso do seu nome, o que também é revelador da importância desta relação.

No ano seguinte, Cleópatra e Ptolemeu XIV são convocados a Roma, reconhecidos como governantes e amigos dos romanos. Nesta altura, já as fontes calam qualquer relação física entre a rainha e o imperador, mas não é de estranhar que tenham continuado juntos. Desejo insano, manutenção do apoio político, saudade, complementaridade... não sabemos. Se Júlio César se autoneameava filho de Vénus e de Marte, também Cleópatra nor-teava a sua vida pelo Amor e pela Guerra.

Os reis do Egito regressariam ainda a Roma, uma vez mais, no ano de 45 a. C. e, nessa partida, Cleópatra despedia-se de Júlio César para todo o sempre, ainda sem o saber, mas talvez intuindo-o. A contestação ao imperador era já demasiado forte.

## **Morte e guerra**

Nos idos de março — expressão que tão bem conhecemos e que tem a sua origem nesta época — de 44 a. C., Júlio César era assassinado. Não sabemos se Cleópatra chorou a sua morte. Sabemos sim que, no final desse mesmo ano, Ptolemeu XIV morria também, provavelmente envenenado pela irmã. Cleópatra voltava a assumir-se sozinha como rainha do Egito, consciente do seu periclitante equilíbrio, ela que tinha sido publicamente amante de Júlio César. Como deveria agir? Qual a melhor saída, aquela que a manteria nas rédeas do reino?

Em Roma, Cássio, um dos principais conspiradores contra César, assume o poder. À rainha do Egito exige navios, cereais e dinheiro.